

## História, memória em (dis)curso: um diálogo com Fernando Catroga

*A memória e o esquecimento são, portanto, irmãos siameses filhos da fugacidade do tempo, pelo que, para se conhecer uma vida ou uma sociedade, será tão importante recordar como não se esquecer do esquecido.*

Fernando Catroga

O céu da memória – Cemitério romântico e o culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)

A **Revista eletrônica Interfaces** encerra 2017, apresentando aos leitores o dossiê temático “História, memória em (dis)curso: um diálogo com Fernando Catroga” com foco na relação história e memória, cumprindo-nos a difícil tarefa comentar os artigos submetidos nessa edição e, dar visibilidade ao modo como os escritos de Fernando Catroga ressoam nas diferentes áreas do conhecimento e pesquisadores com interesses e metodologias diferenciadas.

Fernando Catroga é um historiador português. Mas não é somente o historiador que nos impulsiona a revisitar sua obra e a propor a pesquisadores brasileiros de diferentes universidades a realização do exercício da pesquisa e da escrita em ‘diálogo’ com a sua obra e com o seu pensamento inovador que tem grande repercussão em universidades brasileiras, podendo-se citar a UFSM, a UFMG, a PUCRS e a UFRGS. Sem muita pesquisa e sem nenhum esforço, podemos citar de início três teses defendidas na UFSM, em que Catroga foi um dos teóricos que sustentaram posicionamentos em torno da ‘língua na história’, da ‘história nas comemorações’, da ‘história e utopia’. Essas teses, com certeza, resultaram em outros escritos dentro das temáticas já citadas, motivando, enfim, que optássemos por realizar nosso estágio sênior na Universidade de Coimbra, sob a sua supervisão, seguindo os passos de Zélia Maria Viana Paim – com quem dividimos esse dossiê, que fez doutorado sanduiche na Universidade de Coimbra, sob sua tutoria. Muitas têm sido, além disso, as contribuições que Catroga tem dado, além da área de Letras, na Filosofia, nas Artes e, especialmente, na História.

É isso que poderemos ‘ver’ ‘ler’ e ‘refletir’ neste dossiê, em que propusemos “um diálogo” com o historiador e porque ‘viemos’ das Letras, a grande motivação para esse diálogo é a linguagem, especialmente, as metáforas mobilizadas pelo historiador para falar ‘dos passos do homem’, ‘do cemitério romântico’, ‘da historiografia’, ‘das temporalidades’, ‘das identidades’, ‘da utopia’, ‘do que fica como restolho, nos passos do homem’. Diante de uma obra que representa uma vida de pesquisa, o que podemos dizer é muito pouco, mas como dizíamos já de início, trata-se de um exercício e uma oportunidade de ‘ver’ Fernando Catroga por outros ‘olhares’, além daqueles que o leem e citam nas Universidades de Portugal, da Espanha e do Brasil. Para dizer mais, seria preciso outra pesquisa, que permitisse maior precisão, teríamos que ir, como diz Catroga, aos documentos.

O dossiê “História, memória em (dis)curso: um diálogo com Fernando Catroga” tem como proposta, como está explicitado no título, realizar um exercício de desestabilização, pois os dez capítulos desse número especial da Revista Interfaces, precisou ‘sair’ da sua zona de conforto, porque não é fácil ‘dialogar’ com um pesquisador desse ‘quilate’. A obra e na obra a vida de Fernando Catroga foi e continua sendo intensa, não só no que diz respeito à escrita, mas também em número de conferências, aulas inaugurais, palestras, debates, orientações (ainda em andamento), bancas de conclusão de doutoramento, em Portugal e no Brasil, especialmente.

Responderam à chamada da Revista eletrônica Interfaces, pesquisadores de programas de Pós-graduação e de Laboratórios de Pesquisa da UFSM (Letras, Arquivologia e Laboratório Corpus), da UFPEL (História), da UFFS/Cerro Largo (Letras), da UNICENTRO (Letras e Artes), da Universidade de Coimbra (Filosofia), da UFPR (Letras), da UEM (Letras). A nomeação das universidades foi intencional e com isso objetivamos destacar que esse dossiê e os textos publicados nele corroboram para a divulgação de pesquisas e oportunizam que mais pesquisadores e estudantes de pós-graduação tenham a oportunidade de adentrar a obra de Fernando Catroga, como fazem os que submeteram suas contribuições à revista e aceitaram participar da nossa proposta, aceitando, enfim, esse desafio. Com isso, passamos à apresentação dos artigos.

Abre este dossiê o texto Utopia no discurso e na prática: o “absolutamente outro e perfeito”, de Zélia Maria Viana Paim, que trata da utopia ocidental, tomando a obra de More, “Utopia, como discurso fundador”, mobilizando autores que fazem parte de diferentes campos teóricos, entendendo que todos contribuíram para a história das ideias sobre utopia. O que se tem, nesse texto, é a utopia como uma das formas possíveis de manifestação de inquietudes, de esperanças e de procura de uma época e de um meio social, dando visibilidade à produção desse conhecimento e dos elementos que tomaram parte na constituição do discurso sobre a cidade utópica e na construção da utopia praticada. Esse é um dos focos da pesquisa de Fernando Catroga, discutido especialmente, no texto, “Os passos do homem...”, em que mobiliza outros pesquisadores que sustentam o seu pensamento e as duas discussões.

Em seguida, Fernanda Kieling Pedrazzi, em seu artigo O epitáfio como lugar do discurso no monumento cemiterial, aponta que vivos e mortos coexistem em alguns espaços sociais do Ocidente, o que inclui ambientes discursivos como o espaço cemiterial. A relação entre ambos é estabelecida pelos monumentos/documentos ali construídos e fixados para serem, seus homenageados, (re) memorados. Há, neste local, um diálogo possível através de signos e simbologias. Ali o epitáfio é materialidade da língua. “Se pôr na escuta das circulações cotidianas”, de acordo com Pêcheux (2008, p. 48), é parte de uma agenda do discurso que vem ao encontro da historiografia contemporânea, pautada na micro-história, ou história do cotidiano. São buscados os sentidos em 10 jazigos de um recorte de 101, e 13 epitáfios, num total de 32 disponíveis. O cemitério, enquanto arquivo a céu aberto, permite ler o epitáfio como marca do sujeito local e temporalmente situado, considerando o social de seu tempo na busca do sentido pelo processo discursivo.

O terceiro artigo “Lembranças da tempestade: passado, presente e futuro na construção de narrativas de memória sobre o Movimento dos Marinheiros (1962-1964) e a repressão em Rio Grande-RS, de Edgar Ávila Gandra e Robert Wagner Porto da Silva Castro, constitui-se em uma releitura da mobilização da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB) e seus desdobramentos na cidade brasileira de Rio Grande-RS e tem como recorte de tempo o ano de 1964. Em específico aborda a memória sobre o contexto da repressão conduzida pela Marinha do Brasil nessa cidade. Neste sentido, a memória da trajetória de alguns militares e ex-militares enquanto membros ou apoiadores da AMFNB foi elemento primordial para a construção desse trabalho. Destarte, o presente trabalho busca ainda contribuir para um melhor entendimento acerca do alcance do movimento dos marinheiros, bem como, da maneira como foi conduzida a repressão em Rio Grande-RS.

Outro artigo que compõe o dossiê é de Caroline M. Schneiders e Bruna Luiza Mallmann, Museu das Missões: entre a memória e a história, em que refletem sobre os efeitos de sentido produzidos no e pelo Museu das Missões, um importante museu localizado no Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões (RS). O desenvolvimento desse estudo está embasado nos pressupostos teórico-metodológicos da História das Ideias Linguísticas em articulação com a Análise de Discurso de viés pecheuxiano e com os escritos de Fernando Catroga. As autoras compreendem a historicidade e a memória que afeta e é constitutiva do Museu das Missões a partir da análise de alguns dos artefatos históricos que compõem o arquivo que é guardado nesse Museu. O arquivo, segundo as pesquisadoras, vincula-se a uma memória institucionalizada, a qual cristaliza determinados sentidos. No entanto, no

artigo, destacam-se os sentidos outros produzidos pelos discursos do/no Museu, ou seja, os efeitos da memória discursiva na sua relação constitutiva com a história, sinalizando para os discursos, nos quais e pelos quais ressoa uma determinada historicidade, bem como relações ideológicas e de poder.

Emily Smaha da Silva, Joaquim Braga e Maria Cleci Venturini propõem-se a realizar um exercício interpretativo em torno do objeto discursivo Inês de Castro a partir de manifestações estéticas constituídas por três textos-imagens: do túmulo-monumento, em Alcobaça e a representação de Inês de Castro coroada e rodeada de anjos; da capa do folder distribuído no espetáculo de dança Pedro e Inês, produzido pela Companhia Nacional de Bailado e dirigido por Olga Roriz, em 2012 e reapresentado em 2015, na Europa e no Brasil; do registro da apresentação do Requiém Inês de Castro, em 2012, composto por Pedro Camacho, em que a soprano interpreta a figura de Inês. Segundo os autores, meio dessas materialidades Inês de Castro, apesar de ausente é presença e essa presença se constitui como uma forma de recordar e de “construir futuros para o passado”, como diria Catroga, instaurando um efeito de reconciliação entre “a que foi rainha depois de morta” e o povo português. A escritura do artigo realizou-se em parceria, tendo em vista a filiação dos autores às artes e Letras, às Letras e estágio na História, com Fernando Catroga e, na Filosofia, orientando mestranda de artes e Letras. Trata-se, portanto, da realização de interfaces, que demanda deslocamentos e desafios, tendo em vista que a Análise de Discurso busca os processos de construção de discursos e os efeitos de sentidos; a História busca a veracidade, as Artes os efeitos estéticos e a Filosofia, busca pelo transcendente.

O artigo a seguir, O passado (também) dura muito tempo ou (re)invenções de um tempo, de Verli Fátima Petri da Silveira, configura-se como uma homenagem ao Prof. Fernando Catroga, da Universidade de Coimbra, Portugal. A autora apresenta suas primeiras reflexões sobre “restolho”, elemento teórico e metodológico bastante caro às pesquisas desenvolvidas pelo professor homenageado, que a autora nomeia como dispositivo que aciona uma memória e produz diferentes efeitos de sentidos em diferentes espaços de enunciação. A partir de um estudo em dicionários portugueses e brasileiros, a autora explicita os movimentos de sentidos e como eles acompanham as diferentes práticas sociais que temos conhecimento no tocante ao funcionamento da palavra restolho no trabalho de historiadores e de analistas de discurso. Para a pesquisadora, as relações entre história e memória talvez sejam a possibilidade mais profícua de caminhar na direção de diferentes práticas sociais, sobretudo do que ela se propõe a pensar como prática social de tipo novo.

O artigo de Gesualda dos Santos Rasia, A constituição da memória no movimento das palavras sobre a morte, trata da discussão acerca do funcionamento da memória a partir da materialidade linguageira constante em lápides tumulares. Lugar de celebração/rememoração, o epitáfio, ao lado de outras materialidades, compõe sentidos sobre a vida e a morte, fornecendo pistas para se refletir acerca dos modos de ser-estar dos sujeitos em uma determinada sociedade. As análises têm como escopo de investigação o Cemitério Luterano de Curitiba, estabelecido em 1856, por conta de dissensos entre a comunidade católica e a protestante, no que tangia ao lugar de destinação de seus mortos. A autora busca em suas inscrições vestígios da constituição identitária dos sujeitos, a partir da circunscrição em saberes da ordem do religioso, da língua, do trabalho e da família. As análises atentam para a relação entre o funcionamento da língua em sua relação com a historicidade.

O artigo In memoriam: morte e esquecimento ou “os mortos não contam história” – ausência e presença in (dis)curso é uma contribuição de Marilda Aparecida Lachovski e Maurício Bilião, configurando-se como uma proposta para estabelecer relação entre a Análise de Discurso (AD) e Fernando Catroga, historiador português, que focaliza a morte e a escrita da história, como a Historiografia. Os autores elegem a morte e o esquecimento a partir dos perfis “in memoriam” da rede social Facebook, nos quais o morto elege um “herdeiro” que deverá manter o seu perfil. Consideram a relação entre esquecer e lembrar e a associam com o conceito de memória, tanto para a AD quanto para a História. Os pesquisadores

concluem que estes perfis funcionam não só como lugar de produção de sentidos sobre o morto, mas também como constituídos de um discurso sobre a morte.

O dossiê traz ainda Da “representificação do ausente”: corporeidade em arte tumular de cemitério de Coimbra, Portugal, artigo de Rafael de Souza Bento Fernandes que se configura como estudo do tipo bibliográfico e qualitativo e tem por objetivo compreender como a morte e o luto são discursivizados (FOUCAULT, 2008) em esculturas de arte tumular do cemitério da Conchada, Coimbra, à luz da abordagem discursiva. O pesquisador apresenta o aparato teórico-metodológico mobilizado no gesto de leitura, em especial do aspecto simbólico que constitui a experiência humana no que tange à questão da corporeidade. Em um segundo momento, discute a conceito de “representificação do ausente” (CATROGA, 2009) assim como a cidade como espaço de sentido em Venturini (2017), tendo como corpora fotografias de arte tumular do referido cemitério. O autor conclui que um resultado de leitura indica que “poética da ausência” ou “linguagem cemiterial” dissimula a corrupção do tempo, processo que permite entrever funcionamento do discurso e notavelmente das relações de poder.

O artigo que fecha este dossiê, História e memória em (dis)curso: Fernando Catroga e a poética da ausência, é de Maria Cleci Venturini. O foco das discussões é a história e a memória em (dis)curso com vistas a interface com Fernando Catroga, por meio da noção poética da ausência, em que o autor destaca a dimensão linguística para tratar dos símbolos funerários que tornam presente o ausente. Segundo a autora, o historiador é rigoroso em suas fontes, mas isso não significa aceitar, por exemplo, a distância entre a memória e a história. Assume posicionamentos e dá visibilidade a eles por meio de questionamentos e de metáforas que destacam a alteridade, a imaginação e elementos de ficção na história e na memória. Dentro dessa perspectiva, a pesquisadora elege como objeto discursivo Inês de Castro e o faz por meio de lugares e de discursos em que ela ressoa, como o ausente, presente. Para dar conta do objetivo proposto, recorta dois espaços públicos: a Quinta das Lágrimas, em Coimbra, e o seu túmulo no Mosteiro de Alcobaça e um discurso – o sermão das exéquias – que busca legitimá-la como rainha de Portugal e esposa de D. Pedro.

Como esse dossiê foi um esforço que dependeu de muitos, agradecemos aos autores, avaliadores, leitores e a equipe técnica que tornou possível a publicação de nosso dossiê. Ao professor Fernando Catroga dedicamos este número especial da Interfaces, aos leitores deixamos o convite para que conheçam mais de sua obra e das possíveis relações entre as pesquisas realizadas no Brasil e em Portugal.

Maria Cleci Venturini (Unicentro, UC, Capes/Araucária)  
Zélia Maria Viana Paim (Corpus/UFSM)

**Organizadoras**

Guarapuava, dezembro de 2017